



DO SOTÃO PARA A GRUTA

No **início**, a sede era o sótão da casa dos pais de um dos sócios. O amigo foi viver **sozinho** e mudaram-se, de imediato, para um dos quartos da casa nova. Um ano depois **conseguem**, finalmente, umas instalações mais espaçosas. Mas, apenas por **SEIS** meses. Hoje, cinco anos depois, ainda lá estão até o proprietário decidir outro destino para o armazém. Pormenores da história da Associação de Estudos de Subterrâneos e Defesa do **Ambiente**, a que o facto de andar a seis anos de casa às costas, não impediu que fossem descobrirem um dos mais importantes achados dos últimos anos: A maior necrópole neolítica da **EUROPA**.

TEXTO

Inês Costa

“Então, já encontraram o menino de ouro?” Os jovens da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente são incapazes de evitar o sorriso quando respondem: “Não”. E reatam o caminho depois de mais incursão às grutas da Serra de Montejunto. A pergunta dos moradores do sopé da Serra era já esperada. A lenda do menino de ouro escondido numa gruta ou a da perigosa bruxa que vive noutra, são bem conhecidas dos jovens espeleólogos. São, aliás, as perguntas e as crenças dos populares mais idosos, que os membros da AESDA teimam em desmistificar. Sobretudo, junto dos mais novos, nas escolas situadas nas imediações da Serra onde, habitualmente, são convidados para palestras. As lendas são apenas um dos assuntos que abordam. O principal objectivo é “sensibilizar para a importância de uma gruta, tentando explicar o que é que ela representa, qual o seu significado de forma a mudar algumas mentalidades”. E as acções de sensibilização são, também, apenas umas das inúmeras actividades promovidas pela Associação de Estudos Subterrâneos torriense.

Formada em 1992 por seis jovens, na altura com 18 e 20 anos, a AESDA começou por funcionar no sótão da casa dos pais de um dos sócios fundadores. Até ao momento que este decide ter casa própria. "Então a associação mudou-se para um quarto na casa dele", conta Rui Luis, presidente da associação. Um ano depois surge a oportunidade de transferir a sede para as antigas instalações de escola da metalúrgica, na Rua França Borges. Agora o problema deixa de ser o espaço, pois as dimensões das instalações permitem montar uma sala de treinos com cabos a caírem do tecto, outra sala para um laboratório de fotografia, um espaço para os projectos topográficos, uma garagem para guardar os dois jipes "nenhum dos quais anda", uma sala para a direcção, outra para guardar equipamentos e espaço de sobra para uma "sala de estar". O problema das novas instalações está no tempo de cedência: seis meses apenas. Seis meses que se prolongaram por cinco anos "porque o proprietário ainda não deu outro destino ao espaço e deixa-nos estar aqui". Mas, como a situação é provisória, "impede que façamos melhorias no local ou obras estruturais". Uma dessas melhorias poderia ser "a criação de um laboratório de bioespeleologia em condições, ou seja fazer uma sala com humidade controlada, já que temos sócios com material suficiente para o montarmos", explica o presidente. Perante a ausência de laboratório, "a única coisa que podemos fazer é, quando encontramos algum insecto, ou outro bicho estranho a um determinado lugar, vêmo-lo à lupa para ver se é desconhecido e depois enviamo-lo para o Instituto de Investigação Tropical".

Espeleologia à lupa A lupa é apenas um exemplo do interesse que os membros da AESDA dedicam a tudo o que se relaciona com a espeleologia. São, por isso, os primeiros a criticar o facto de "em Portugal a espeleologia não ser levada no termo correcto". Dizem que "as pessoas têm ideia que a espeleologia é só ir às grutas fazer exploração, que é radical e que tem todas aquelas técnicas porreiras que toda a gente gosta". Para a AESDA, "é ponto assente que a espeleologia é uma ciência que estuda os espaços subterrâneos sejam eles naturais, ou artificiais". Por isso, a necessidade dos laboratórios para "fazermos pequenos estudos geológicos, uma vez que aqui ninguém é geólogo; estudos topográficos para passar para o papel o desenho de uma gruta e estudos de bioespeleologia para conhecermos os bichos que existem nas grutas".

A seriedade com que a AESDA demonstra encarar todos estes assuntos levou, entre outras conquistas, a uma parceria com o Instituto da Conservação da Natureza para a identificação de morcegos e contagem de espécies.

A seriedade não faz esquecer, contudo, a satisfação das descobertas protagonizadas pela associação e que acabam por ser a grande compensação da dedicação à causa. O achado mais significativo da associação, ainda hoje motivo de orgulho para os membros pelo reconhecimento internacional, foi a descoberta da maior necrópole neolítica da Europa. À parte de outras pequenas descobertas como os bichos da madeira prateados desconhecidos em grutas, uma das que "mais gozo deu" aos jovens torrienses foi a descoberta de uma passagem nas minas romanas de Valongo. "Existe uma associação de espeleologia com sede a 500 metros dessas minas. Numa das actividades de intercâmbio que mantemos com aquela associação, fomos explorar as minas e encontramos uma passagem muito estreita até então desconhecida. Entrámos e fomos descobrir 9 décimos do total da gruta, um sítio que nem os "locais" conheciam", recordam com satisfação.

Conscientes de que "uma descoberta não faz sentido se não for divulgada, a AESDA orgulha-se, também do sucesso, da "Trogle", a revista em que divulgam as suas descobertas. É, no entanto, a publicação dos trabalhos "o maior problema da associação, por ter havido alguma dificuldade em angariar subsídios para os dois boletins já editados". Para a terceira edição, que prevêem sair em Outubro próximo, a experiência e a credibilidade alcançada permitirá a conquista de apoios institucionais, até agora ausentes.

